

ENCONTROS POÉTICOS E BRINCANTES ENTRE A LITERATURA E A MÚSICA EM UM HOSPITAL INFANTIL EM FLORIANÓPOLIS

POETIC AND PLAYFUL ENCOUNTERS BETWEEN LITERATURE AND MUSIC IN A CHILDREN'S HOSPITAL IN FLORIANÓPOLIS

Submissão:
28/07/2023
Aceite:
30/10/2023

Geysa Spitz Alcoforado de Abreu ¹  <https://orcid.org/0000-0001-7826-7694>

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de uma ação de extensão em desenvolvimento, em um hospital infantil público de Florianópolis, intitulada “Conte outra vez: a literatura no leito hospitalar”. Tem por objetivos: realizar leitura e contação de histórias junto às crianças e adolescentes, que se encontram hospitalizados e impossibilitados de sair dos leitos; oportunizar vivências lúdicas com diferentes linguagens, representadas pela literatura, música, artes visuais, entre outras; promover ações que priorizem a livre expressão da criança através da brincadeira, do jogo, da arte e da literatura. Os resultados obtidos permitem afirmar que ações de extensão deste tipo podem contribuir para o bem-estar e a saúde da criança hospitalizada, que se encontra em situação de fragilidade ocasionada pela doença, mas passível de motivação e incentivo à participação no processo de cura. A presente ação resultou em três trabalhos de conclusão de Curso na UDESC (2019; 2021) e Faculdade Municipal da Palhoça (2023).

Palavras-chave: Literatura Infantil; Pedagogia Hospitalar; Música; Infâncias.

¹ Professora Adjunta do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina, no Departamento de Pedagogia. Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo geysa.abreu@uol.com.br / geysa.udesc@gmail.com

Abstract

This work presents results of an extension action under development in a public children's hospital in Florianópolis, entitled "Tell me again: literature in the hospital bed". Its objectives are: reading and telling stories with children and adolescents hospitalized and unable to leave their beds; opportunize ludic experiences with different languages, represented by literature, music, visual arts, among others; promote actions that prioritize children's free expression through play, games, art and literature. The results obtained allow us to affirm that this type of extension actions can contribute to the well-being and health of hospitalized children, who is in a situation of fragility caused by the disease, but subject to motivation and encouragement to participate in the healing process. This action resulted in three course completion works at UDESC (2019; 2021) and Faculdade Municipal da Palhoça (2023).

Keywords: Children's Literature; Hospital Pedagogy; Music; Childhoods.

Introdução

Para iniciar a discussão, registra-se o entendimento acerca da Extensão Universitária como processo educativo, cultural e científico, que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.

As diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária, pactuadas no FORPROEX, de forma ampla e aberta (NOGUEIRA, 2000), são as seguintes: 1) Interação Dialógica, 2) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, 3) Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, 4) Impacto na Formação do Estudante, e 5) Impacto e Transformação Social.

A extensão universitária, ao lado do ensino e da pesquisa, complementa o tripé que dá sustentação ao fazer universitário. A extensão é o processo educativo, cultural e científico, que viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade. Essa relação estabelece a troca de saberes, sendo importantíssima por promover a produção de conhecimento de forma democrática e a participação efetiva da comunidade na Universidade.

Este artigo trata de um projeto de extensão intitulado "Conte outra vez, a literatura no leito hospitalar" e está dividido em três partes. A primeira abordará o ponto de partida: a literatura como campo de conhecimento humano. A segunda parte tratará do nascimento do projeto "Conte Outra Vez..." e suas características, bem como apresenta a parceria estabelecida com um projeto do Curso de Música, do Centro de Artes da UDESC, intitulado "Música para quem precisa".

Por fim, aponta alguns dos desafios enfrentados pelas bolsistas no Hospital e indica três pesquisas realizadas, a partir do referido projeto.

O ponto de partida: a literatura como campo de conhecimento humano

Partiu-se do entendimento em torno da literatura como campo de conhecimento humano. De acordo com Zilberman (2003), considerando que a literatura expressa saberes, informações e experiências da humanidade, trata-se de um campo de trabalho tão extenso e desconhecido que, de certa forma e metaforicamente, ao se iniciar qualquer projeto que o articule a outra área do conhecimento, se reconstitui

o trajeto feito por Cristóvão Colombo. Quando o explorador pensa ter descoberto o caminho para as “Índias”, está, na verdade, diante de um “continente” inexplorado e cujo perfil ainda está por ser definido.

Segundo Nelly Novaes Coelho, a literatura é:

[...] abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5).

Diante dessa amplitude conceitual, as relações sociais e os diálogos estabelecidos entre pessoas em espaços educacionais (quer sejam escolares ou não escolares) se constituem, por excelência, como ambientes formativos de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura. Sem dúvida, neles ocorre um processo de legitimação da literatura e da escrita. No que se refere à Pedagogia, como ciência da educação (PIMENTA, 1998), sabe-se que, por seu turno, fazem parte as concepções relativas aos processos de ensino-aprendizagem e o modo de organização didático-pedagógica.

Ao corroborar o pensamento de Selma Garrido Pimenta (1998), que considera a Pedagogia, enquanto ciência prática (*da e para* a prática) e que só será teoria *da e para* a práxis, se se submete ao primado da prática, possibilitando a produção de uma teoria da educação hospitalar.

O fundamento do trabalho literário, portanto, a ser empregado no trabalho com as crianças e adolescentes no leito do hospital, se efetiva, à medida que forem acontecendo a vivência da escuta atenta entre o profissional da educação (o adulto) e a criança. O que não significa falta de uma teoria científica, que sustente a ação a ser realizada. Pelo contrário, ratificam-se alguns dos princípios basilares da ação do pedagogo: o rigor e a coerência técnica e político-ideológica, pautados no conhecimento científico da área, isto é, na “ciência da educação”.

Estarão subordinadas a esta ciência, por exemplo, as competências linguísticas a serem desenvolvidas e que dizem respeito à construção de sentidos do texto: tais como conhecimento de mundo, conhecimento lexical, conhecimento sintático, morfológico e capacidade de fazer inferências. Como são todas habilidades ligadas à oralidade, e que se desenvolvem na dependência da experiência linguística de cada sujeito em suas práticas sociais, será essencial a escuta às crianças hospitalizadas e seus familiares, que as acompanham no momento de restabelecimento da saúde.

Assim como aos cuidados relativos à saúde, proteção e bem-estar, as crianças hospitalizadas têm direito à educação e de viverem suas infâncias plenamente, com direito a brincadeiras, histórias e músicas. A criança não deixa de ser criança por estar hospitalizada.

E o discurso literário pode abrir “perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a catarse e promova um ensaio geral da vida” (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 47).

Como assinala Schneuwly e Dolz:

A aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Portanto, a linguagem, enquanto atividade humana que funciona como interface entre o sujeito e o meio e responde a uma situação de comunicação, é construída em cooperação social. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz, que conduzem à construção das práticas de linguagem. (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p.75).

Nesse sentido, o papel do profissional da educação é fundamental e as atividades de estimulação da oralidade, de contação de histórias, de criação e gerenciamento de espaços expressivos, são essenciais para que a criança desenvolva a linguagem.

Sob essa perspectiva, os ambientes de prática de linguagem são valiosos. A partir disso, faz-se necessárias a criação e a garantia de espaços de linguagem, promotores da interação e interlocução humana, para que as crianças trabalhem a sua expressividade nas mais diferentes formas: fala, música, desenho e corporal, para que a escrita não seja considerada a única linguagem ou a forma mais privilegiada de expressão.

Relativamente à leitura, enquanto procedimento de compreensão e significação de textos escritos, pressupõe-se tomadas de posição, pelo menos, sobre os seguintes tópicos:

A possibilidade de participar do planejamento e de fazer escolhas, quando tudo começa pelo convite a ouvir uma história, escolher qual livro gostaria que fosse lido, se tiver vontade, ouvir outras histórias, assegurar a dimensão lúdica e artística no trabalho com a literatura infantil e infantojuvenil. Trabalhar com a literatura, antes de tudo, significa compreender os sentidos da leitura, o que, segundo Zilberman (2013), exige também avançar para além do texto.

No livro *Literatura Infantil gostosuras e bobices*, Fanny Abramovich destaca a importância da literatura no processo de desenvolvimento da criança. Para a autora, ouvir, olhar histórias, ler suas ilustrações, perceber o humor, experimentar a poesia, assim como ter contato com os contos de fadas propiciam à criança pequena o desenvolvimento da apreciação crítica da leitura, favorece a argumentação e o processo de reflexão.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar.... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 2005, p.17).

Por atender as necessidades, interesses e aguçar a curiosidade, a imaginação e a fantasia das crianças, a literatura pode provocar diferentes sensações, sentimentos, emoções e a sensibilidade estética. Pode ainda fortalecer laços e vínculos afetivos, promover escolhas e dar vida às histórias nas mentes das crianças.

Sendo fonte de conhecimento do humano sobre si próprio, também se depreende que ler e experimentar são experiências que se fundem, pois se traduzem em novas leituras, leituras de mundos, porque nascidas de uma vivência concreta que é a própria vida, que se manifesta na interação de pessoas concretas, numa dada situação real, numa relação real que, partindo do individualmente perceptível, estende-se a uma coletividade.

Nesse sentido, contribuir para o desenvolvimento da identidade da pessoa humana, mediante imersões no universo literário, se torna fundamental, sobretudo porque é uma possibilidade de criação e ampliação dos espaços de linguagem. O desafio consistirá em envolver o repertório linguístico-cultural das crianças, as leituras e os contextos de socialização e interação.

A ampliação de repertórios culturais e sociais e adolescentes, do conhecimento das diferentes linguagens, bem como das interlocuções entre a criança, o adolescente e a pessoa adulta, podem favorecer um caminho para dentro da própria literatura. Nessa relação dialógica, tanto aquele que lê ou

conta quanto aquele que ouve participam da produção de sentidos. Essa dinâmica acaba promovendo a tessitura de outro texto resultante desse encontro. Assim, narradores e ouvintes trabalham juntos na (re) criação de imagens promotoras de uma narrativa, que acaba sendo única para cada um que ouve, conta ou lê. Essa atitude, que é interativa e interlocutiva a um só tempo, possibilitará, além da riqueza expressiva e compreensiva, o uso da leitura em sua função social e cultural.

Segundo Nery (2021)

O olho precisa encontrar o olho do outro. Olho no olho. O olhar estabelecendo a confiabilidade do diálogo. O olhar do outro é o alimento solitário para eu me pôr de frente, encontrando a respiração do outro. Necessito do olhar, do olho do outro no meu olho. Pouso suave, convidativo, deposito meu olhar no olho do outro, sem pressa de retirá-lo. O olhar ajuda a dizer e, principalmente, ajuda a ouvir [...] olhar no olho do outro é sublimar o narrado. (FILHO, 2002 apud MEDEIROS, 2015, p. 222).

Para Suely Amaral Mello (2007) “a infância é o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas” (p. 90). Na sua perspectiva, essas “qualidades humanas” se relacionam diretamente à capacidade de ler e se utilizar da imaginação, tanto das palavras ditas oralmente como das imagens proporcionadas nos livros. Segundo a autora, a apropriação das “qualidades humanas” pela criança é elaborada na relação do sujeito/criança com os objetos/leitura. Através dessa relação, pode haver as “misturas” entre ver, ouvir, cheirar, saborear, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar, entre outras ações eminentemente humanas.

As crianças, ao explorarem os sentidos, estão ajudando a si mesmas no processo de melhorias da qualidade de vida, compreendendo e satisfazendo as suas necessidades e interesses internos. Nesse sentido, o ambiente se torna um “agente” muito importante. Ele proporciona para a criança um processo de humanização, ou seja, de educação. Sendo um dos responsáveis pela apropriação das qualidades humanas, para Mello (2007), esse ambiente deve prever leitura, socialização e diálogo. No seu entendimento, cabe ao adulto a tarefa de preparar um ambiente promotor de aprendizagens e que favoreçam apropriações do conhecimento pela criança.

Toda ação intencional e sistemática exige um trabalho coordenado entre as funções de atenção, percepções, sentimentos, pensamento, imaginação, memória e fala. Desse modo, vai-se formando no entorno da criança novos níveis de relação com o mundo social. Nesse processo, também se colocam em formação a sua personalidade, o controle da vontade, os valores, a iniciativa, a autoimagem positiva sobre si mesma entre outras dimensões humanas. (MELLO, 2007)

Ainda conforme Mello (2007), a linguagem representa o centro do desenvolvimento da criança. Com a linguagem, a criança faz sua própria experimentação, observa, concentra, cria modelos de ação, interage com outras crianças e tenta resolver dúvidas ou conflitos internos através da manipulação de objetos e da relação dialógica estabelecida com as pessoas. Dessa forma, amplia-se o conhecimento da criança com o mundo ao seu redor, exercitando sua percepção, comunicação e desenvolvimento emocional, intelectual e motor. Além disso, cria memória, exercita e desenvolve sua atenção, fala, pensamento, o que possibilita à criança a interpretação e o conhecimento de mundo e objetos.

Por meio da literatura, a criança e o adolescente ingressam no universo de faz de conta, ampliam seus conhecimentos de mundo, organizam e reorganizam seu pensamento, favorecendo a interpretação e compreensão dos diferentes papéis sociais que ela conhece. Assim como também por meio da imitação daquilo que ouve e vê, a criança procura fazer sozinha aquilo que vai testemunhando,

aquilo que aprende com os outros, sendo também a autora e narradora de suas próprias histórias.

Nessa direção, também estão os recentes estudos da linguística, que vêm contribuindo de maneira decisiva à ação pedagógica. A concepção de língua e linguagem, de fala e escrita, a interdependência desses processos, o saber linguístico e a variedade sociolinguística de cada aprendiz, o papel da narrativa, da formação do leitor/escritor autônomo e competente são, dentre outros temas, alguns que a área tem trazido à discussão no espaço educacional nos últimos anos.

O projeto de extensão Conte Outra Vez: a literatura no leito hospitalar

O projeto de extensão “Conte outra Vez – A Literatura no leito hospitalar” nasceu em 2013, por solicitação do Setor de Pedagogia Hospitalar do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG), que gostaria que a Universidade desenvolvesse uma ação especialmente voltada às crianças e adolescentes impossibilitados de sair dos leitos. Naquela ocasião, as crianças que podiam sair tinham a possibilidade de utilizar espaços de recreação que existiam no hospital e, também, frequentar as aulas nas classes hospitalares. Atualmente, o Hospital conta com uma brinquedoteca e Classe Hospitalar para as crianças do Ensino Fundamental¹.

A partir de uma reunião realizada entre a coordenadora do Setor de Pedagogia Hospitalar e a coordenadora deste projeto, foram elaboradas as diretrizes para um trabalho de leitura e contação de histórias que teve início no Hospital Infantil, no ano de 2014.

O projeto tinha por objetivos: realizar contação de histórias e leitura de livros de literatura infantil e infanto-juvenil junto a crianças e adolescentes, que se encontram hospitalizados e impossibilitados de sair dos leitos; oportunizar, às crianças e adolescentes hospitalizados, vivências lúdicas com diferentes linguagens, representadas pela literatura, música, teatro, artes visuais, entre outras; promover ações que priorizem a livre expressão da criança através da brincadeira, do jogo, da arte, da filosofia e da literatura.

O trabalho no hospital partiu do seguinte questionamento: Como desenvolver um trabalho pedagógico junto às crianças e adolescentes hospitalizadas? Que papel as histórias infantis e infantojuvenis assumem no cotidiano dessas crianças e adolescentes? Como a literatura auxilia na discussão e no enfrentamento dos medos infantis? Como tornar mais leve e alegre o cotidiano vivenciado por crianças e adolescentes fragilizadas pela doença? Como contribuir para amenizar as desigualdades sociais e culturais que fazem parte do cotidiano das crianças e adolescentes hospitalizados?

O projeto sofreu configurações diversas ao longo dos anos, mas, de modo geral, funciona com duas bolsistas de extensão, que realizam leitura e contação de histórias nos leitos, nos diversos setores do hospital, com dois encontros semanais. A presença de crianças ocorre em número maior do que a de adolescentes.

A cada dia de realização do projeto, cada bolsista elabora um registro individual, contendo informações sobre: o número de crianças atendidas, suas idades, cidade de origem, se a história foi lida ou contada, a reação das crianças, se gostaram ou não da história, os recursos e estratégias utilizadas para contar as histórias, dentre outras. Posteriormente, esses registros compõem um relatório que é apresentado ao Hospital Infantil. São realizados, também, encontros sistemáticos de acompanhamen-

¹ Sobre as Classes Hospitalares, ver: ZIMMERMANN, LEDA CRISTINA. Pedagogia Hospitalar: Reflexões acerca do Trabalho Docente. Trabalho de Conclusão de Curso. UDESC, FAED. Florianópolis-SC: 2019.

to e avaliação da coordenadora e equipe do Setor de Pedagogia Hospitalar. Este conjunto de dados permite visualizar a abrangência e efetivação do projeto, uma vez que o Hospital atende pessoas de todo o Estado de Santa Catarina.

O encontro com a criança ou adolescente começa com um convite: Você gostaria de ouvir uma história? Ao mostrar o livro para a criança, pergunta: Qual desses livros você gostaria que eu lesse para você? A criança tem a opção de querer ouvir mais histórias, conversar, ler também, propor histórias para um próximo encontro... Enfim, trata-se de um convite à participação no planejamento dos encontros. Com os/as adolescentes, a conquista exige um pouco mais. As bolsistas oferecem um conto, um poema, um capítulo de um livro, uma lenda, e começam a conversar antes do aceite final.

A parceria com o projeto de extensão “Música para quem precisa”

No ano de 2015, tomamos conhecimento de outro projeto de extensão, o “Música Para Quem Precisa”, desenvolvido pelo Curso de Música do Centro de Artes da UDESC. O projeto tinha como objetivo trazer música ao vivo para pacientes, visitantes, funcionários e médicos em hospitais e, também, em outros espaços. Naquele ano, a intenção era a de inspirar pequenos momentos de alegria e esperança nas dependências do hospital infantil e do Hospital Universitário, envolvendo os bolsistas, alunos e professores da UDESC.

Em conversa com o coordenador da ação, decidimos fazer uma experiência de sonorizar uma história e fazer uma apresentação, no Hospital Infantil, para um grupo de crianças, inicialmente. A sintonia entre os bolsistas dos dois projetos foi imediata.

Imagem 1: Bolsistas do Projeto “Conte outra vez” e “Música para quem precisa”.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 05/05/2015.

Após alguns encontros para discussão, escolha da história e ensaios, o trabalho ficou pronto. A apresentação foi um sucesso e os bolsistas replicaram a proposta também nos leitos. Mas aquela, ainda, não era a forma ideal. Levou-se muito tempo para chegar ao resultado final e não seria possível dispor de tanto tempo para cada história que contaríamos.

Foi experimentando e contando com a sensibilidade de uma bolsista, contadora de histórias e que também cantava, que o encontro dos dois projetos atingiu seu ápice. Nas palavras de Nery (2021, pp. 57-58),

Ao viver e construir os encontros com as crianças unindo música e história, pudemos pensar e pontuar, quando era o momento de chegar com uma música para embalar o ambiente, e se essa deveria ser calma ou alegre, por exemplo. Poderíamos também adentrar os leitos com uma história, e a partir dela, deixar surgir a musicalidade. Por vezes, chegamos com um convite apenas. Diversas vezes entrávamos com uma intenção e, a partir do ambiente, conduzimos de outra forma. Não havia nada enrijecido e tudo fluía natural e espontâneo. E aqui trazemos um registro.

A depender de como o grupo de bolsistas encontrava as crianças de determinada unidade, se comunicavam e optavam por somente cantar e tocar, ou contar histórias com acompanhamento de violão ou flauta.

Imagem 2: Bolsistas do Projeto “Conte outra vez” e “Música para quem precisa”.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 18/10/2018.

Abaixo, segue um registro reflexivo da Bolsista, sobre qual seria a importância de cada linguagem, literatura e/ou música para aquele ambiente específico. Quando juntas, história e música, têm um resultado único e imensurável. Conforme relata Nery (2021, p. 58),

Seguimos, então, para a Unidade E. Nesta, não contamos histórias, apenas cantamos algumas músicas em virtude das idades das crianças; que eram, em sua maioria, bebês. Refletimos, a partir daí, a diferença de contar histórias com músicas e cantar e tocar músicas, sem

estarem vinculadas apenas às histórias. Quando juntas, história e música, tem um resultado único e imensurável. Porém, a música tem a sua especificidade quando caminha sozinha; refletimos a importância de resgatá-la enquanto uma linguagem. Ela invade e inunda, não bate à porta, não pergunta a idade, não necessita de momentos ‘propícios’. (REGISTRO DATADO 13/06/2018) (grifo meu).”

Da integração dessas duas ações de extensão, foi possível realizar momentos de alegria e ludicidade junto às crianças e adolescentes hospitalizados e seus familiares.

Nesse sentido, essa ação de extensão buscou aproximar esforços de profissionais da área da saúde, da educação e da música, em prol da garantia aos direitos essenciais de crianças e adolescentes, constituindo-se, também, em oportunidade de conhecimento e valorização de espaços não escolares de atuação de professores.

Alguns desafios do trabalho das bolsistas no Hospital

Ao ingressar no hospital, nos primeiros dias, observa-se um estranhamento do ambiente, por parte da maioria das bolsistas que já passaram por lá. Encontram um lugar com muitas crianças acamadas, engessadas, com soro, curativos, passando por procedimentos variados. As bolsistas iniciam o trabalho nas unidades de tratamento, que parecem ser mais tranquilas, como a ortopedia, o pré e o pós-cirúrgico. Aos poucos, as acadêmicas deixam de ver apenas a doença e passam a enxergar as crianças que ali estão, que continuam sendo crianças, embora em tratamento para a saúde. Lentamente, vamos ampliando o atendimento a outros setores do hospital aptos a recebê-las, até culminar na Oncologia e o Setor de Queimados. Muitas bolsistas do projeto já contaram histórias na UTI também, tendo sido paramentadas para poderem entrar lá. A experiência foi positiva, tanto para as bolsistas, quanto para as crianças e adolescentes contemplados com as histórias.

As vivências no hospital promovem um afloramento da sensibilidade. As crianças, frequentemente, demonstram necessidade de diálogo. Pedem para conversar também e não apenas ouvir histórias. Os adolescentes são mais reservados. As bolsistas aprendem mais sobre o respeito e valorização da diversidade (importância da aceitação das diferenças, importância do acolhimento e afeto, importância da alteridade), unidade na diferença, entrelaçada e interdependência de todos (COPPETE, 2012).

De acordo com a Coppete (2012),

“A sensibilidade é a faculdade do sentir; é, portanto, a capacidade de afetar e de ser afetado. Trata-se de um conjunto de sentimentos e sensações e o modo como são experimentados. Em outras palavras, sensibilidade é a capacidade que as pessoas têm para captar a sensação sobre as coisas; está relacionada com emoção e sentimento e se constitui de um complexo tecido de percepções. A percepção, por sua vez, é entendida como participação ativa na busca pelo conhecimento”. (COPPETE, 2012, p. 189).

É pela sensibilidade que se amplia, na docência, a prática de uma pedagogia do auscultar, onde a escuta sensível e pedagógica é valorizada e praticada, uma vez que a sensibilidade é uma capacidade de ter atenção às coisas; a maneira como as pessoas se dispõem diante do que elas não são e do que não conhecem. “É um gesto inicial de disposição do qual depende a produção do pensamento; envolve silêncio, escuta ativa e diálogo. Nessa perspectiva, a sensibilidade encontra-se situada no campo da subjetividade”. (COPPETE, 2012, p. 191).

No hospital, as bolsistas encontram outra situação bastante diversa da escolar, que é a diversidade etária. Contar histórias para bebês bem pequenos e, em seguida, para adolescentes, por exemplo. É um processo que exige paciência, sensibilidade e bastante familiaridade com os livros de literatura, para poder conquistar o interesse dos diferentes sujeitos presentes nesse contexto.

Imagem 3: Bolsista do Projeto “Conte outra vez...”.



Fonte: Acervo pessoal do projeto, 24/11/2015.

A respeito do trabalho de contar histórias para os bebês, Nery (2021, p.60) afirma que

Diversos desafios se colocam diante de nós, mas quando temos a compreensão que o que se coloca como potência primordial é a troca a partir do afeto, do estar aberto a, do olhar, da ampliação de repertório, e que a compreensão, ou não, a narrativa é um detalhe, não temos mais medo de construir momentos com esses sujeitos. E mais ainda, ampliamos nosso olhar e receptividade frente ao que é a contação de histórias.

A partir das suas experiências no Hospital, Nery (2021, p. 62) também reflete sobre o trabalho com adolescente:

Quando nos debruçamos a refletir acerca de histórias para adolescentes, nosso medo se desloca a uma possível não receptividade por parte deles. Muitos adolescentes demonstram não gostar de escutar histórias por acreditarem que é algo para crianças menores, por acharem que não há um repertório de literatura que lhes agrade, ou ainda, por já terem um contato prévio com os livros extremamente enrijecido pela educação formal. Há em suas falas muitas vezes algo como “não gosto de ler”, “não gosto de histórias”, e mais do que imaginamos, “não sei ler”.

É necessário que conquistemos estes sujeitos a uma troca mútua, que mostremos repertório que possam vir a lhes agradar, que expliquemos o que é efetivamente escutar uma história. Além disso, muitas vezes, possibilitar um contato com o livro sem necessariamente a nossa mediação também é uma possibilidade que se coloca em diversos momentos. Muitos pedem para ler os livros sozinhos, ou quando escutam essa possibilidade, se agradam e aceitam.

O ambiente hospitalar nos instiga a pensar sobre como construir uma prática educativa diferenciada da que ocorre na instituição escolar, requerendo princípios específicos e outros níveis de conhecimento, que respaldem o complexo trabalho pedagógico no hospital. Afinal, o que se espera sempre é contribuir para o bem-estar e a saúde da criança hospitalizada, que se encontra em situação de fragilidade ocasionada pela doença, mas passível de motivação e incentivo à participação no processo de cura.

Assim, o projeto “Conte outra vez: A literatura no leito hospitalar” se articula na triangulação entre Pedagogia, enquanto ciência da educação, Linguística, enquanto ciência da linguagem e Saúde, enquanto ciência destinada à promoção da qualidade de vida e bem-estar da pessoa humana, individual e coletivamente.

Conforme ressalta Girardello (2011)

Um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo. A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual...

Acreditamos que levar às crianças e adolescentes hospitalizados um pouco de poesia e fantasia, por meio da leitura e contação de histórias, pode tornar o espaço hospitalar menos árido e fastidioso. Afinal, conforme interroga Jouve (2002), o que acontece quando se lê um livro? Quais são as sensações, as impressões que a leitura suscita em nós? Jauss (1978, p. 130 *apud* JOUVE, 2002, p. 107) denomina essa experiência de fruição estética: “na atitude de fruição estética o sujeito é libertado pelo imaginário de tudo aquilo que torna a realidade de sua vida cotidiana constrangedora”. Segundo Jouve, a consciência “imaginante”, como mostrou Sartre, de fato, leva a uma sensação dupla de liberdade e de criatividade.

Para isso, ela procede em dois tempos: “aniquilação” do mundo diante do qual o sujeito se afasta, e criação, no seu lugar, de um mundo novo a partir dos signos do objeto contemplado. (Cf SARTRE, 1940, *apud* JOUVE, 2002, p. 107).

A leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação e de preenchimento. Ela desprende o leitor das dificuldades e imposições da vida real e renova a sua percepção do mundo. Ainda de acordo com Jouve (2002, p. 107) “ler é, pois, uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção”.

Assim, o quanto antes essa experiência literária de fruição estética se tornar coletiva, num ambiente como o do hospital, melhor será seu benefício para as crianças e adolescentes contemplados pelo projeto “Conte outra vez: a literatura no leito hospitalar”, uma vez que a literatura tem um papel fundamental na vida imaginativa das pessoas, possibilita brincar, fantasiar e “viajar, sem sair do lugar”.

Para além dos objetivos iniciais, esta ação mobilizou o interesse de familiares pelas histórias. Além da atenção e colaboração nos momentos de interação com as bolsistas, ao perceberem o interesse das crianças pela leitura e contação de histórias, muitos familiares pedem sugestões de títulos e autores para dar continuidade a esse trabalho em suas casas, além de demonstrar grande interesse por esta ação de extensão. A presente ação resultou em dois trabalhos de conclusão de Curso na UDESC e outro na Universidade Municipal da Palhoça.

Mais do que promover a cultura letrada e ajudar no alargamento da formação inicial do pedagogo, ainda que em ambientes aparentemente inóspitos, uma das maiores contribuições consiste, sobretudo, no fortalecimento do ambiente hospitalar como lugar de conhecimento, de convivência e sensibilidade poéticas, porque não dizer, de encontro das infâncias.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABREU, Geysa Spitz Alcoforado de. **A Literatura no Leito Hospitalar**, Projeto de Extensão. PROEX – UDESC, 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1991.
- COPPETE, Maria Conceição. **Educação Intercultural e Sensibilidade: Possibilidades para e Docência**. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2012.
- FERNANDES, G. F. G.; OLIVEIRA, K. L. de. Estratégias de leitura para a infância: O que as pesquisas dizem? . **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023031, 2023.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.
- MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 25, n. 1, 2007, p. 83-100.
- NERY, JOANA INÁCIO. **Conta aqui, canta acolá: quando voz e palavra se encontram dentro de “nós”**. Trabalho de Conclusão de Curso. UDESC, FAED. Florianópolis-SC: 2021.
- NOGUEIRA, M. D. P. (Org.) **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; O Fórum, 2000.
- _____. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- PIMENTA, Selma Garrido (Coord.). **Pedagogia, ciência da educação?** Textos de José Carlos Libâneo, Tarso Bonilha Mazzotti, António Nóvoa e Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 1998.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Royo e Gláís S. Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **A leitura no Brasil: sua história e suas instituições**. São Paulo: Unicamp/IEL. Disponível em: <<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>>>. Acesso em: Set. 2013.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.
- ZIMMERMANN, LEDA CRISTINA. **Pedagogia Hospitalar: Reflexões acerca do Trabalho Docente**. Trabalho de Conclusão de Curso. UDESC, FAED. Florianópolis-SC: 2019.